

# Preservar para quem, proteger de quem?

Carlos Chagas

Declarou o presidente Jacques Chirac à imprensa, segunda-feira, na presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, estarem os países ricos dispostos a não deixar o governo brasileiro sozinho na tarefa de "proteger" a floresta amazônica. Há quase dez anos, durante a Rio-92, prometeram dois bilhões de dólares para esse objetivo, agora reduziram para 308 milhões, mas, desta vez, conforme o presidente francês acentuou em Paris, o dinheiro será enviado. FHC desdobrou-se em sorrisos e rapapés de agradecimento, mas escorregou ao responder, primeiro, "que tudo será feito em colaboração com o governo brasileiro". Depois, corrigiu-se, acrescentando "que o governo brasileiro vai ser o principal meio receptor dos recursos". Pior a emenda do que o soneto.

É preciso desconfiar, coisa que S. Exa. não fez. Porque "proteger a floresta", para as nações desenvolvidas, significa deixá-la intocada, imóvel, à maneira de um imenso jardim botânico aberto apenas ao turismo estrangeiro. Ou um antecessor de Chirac, no caso, o socialista François Mitterrand, não declarou dispor o Brasil de soberania relativa sobre a região? Bill Clinton e Al Gore, faz pouco, falaram a mesma coisa, como haviam falado, anos antes, Margaret Thatcher, Felipe Gonzales e Mickail Gorbachev. Todos eles sustentaram ou sustentam não poder a Amazônia pertenc-

er aos países que a ocupam, mas à humanidade, sob a alegação de constituir-se o derradeiro pulmão do mundo que sobrou, depois de séculos de devastação promovida por seus povos em suas florestas.

Numa palavra, o verbo proteger está mais para imobilizar do que para desenvolver. Têm saído dos governos das nações poderosas os maiores estímulos à ação de um monte de organizações não-governamentais bastante mais ousadas na pregação da rapinagem, ou seja, até mesmo na defesa da internacionalização da Amazônia. E não será em nome da preservação das árvores e da bacia hidrográfica, sequer da cultura dos povos indígenas que lá habitam. No fundo de tudo, entre pressões de ingênuos, de idealistas e de malandros, salta aos olhos a cobiça sobre as incalculáveis riquezas da região.

Já impuseram à opinião pública mundial a falácia de que os índios não constituem tribos, mas nações, prontas para terem declarada sua independência da nação brasileira e serem imediatamente reconhecidas por organismos internacionais. Já existem indígenas sendo educados em universidades inglesas e belgas, em condições de retornar e dar o grito de separação.

Faz-se a cabeça até da infância e da juventude, com dezenas de super-heróis do tipo Robocop, Homem-Aranha e até o Super-Homem envolvidos em guerrilhas contra garimpeiros, fazendeiros e

pretensos soldados do Exército brasileiro que, nas caricaturas, mais se assemelham a bandidos mexicanos, de imensas barrigas, barba por fazer e vastos bigodes. Revistinhas infantis lembram, sem que nem porquê, "que o Brasil, na floresta amazônica, queima um campo de futebol por segundo". Carros transitam nas capitais da Europa com decalques onde se lê: "Já queimou seu brasileiro hoje?"

Mas tem muito mais em matéria de sofisticação essa propaganda internacionalizante. Documentários transmitidos pela CNN e outras redes de televisão mostram, com frequência, imagens de queimadas e da devastação deixada no meio ambiente pelos garimpos. Sucedem-se tomadas da floresta sendo derrubada e de milhares de troncos escoando pelo rio, obra de madeireiras e serrarias. Só não esclarecem ser essa atividade majoritariamente estrangeira, nem continuam, na seqüência, mostrando a madeira ganhar o mundo desenvolvido transformada em móveis e aproveitada nos mais diversos tipos de construções e decorações.

Acresce ser o subsolo da Amazônia muito mais conhecido lá fora do que aqui dentro, por conta dos satélites que cruzam e até permanecem estáticos sobre o céu da floresta. Minerais nobres como o nióbio, do qual detemos 90% das reservas mundiais, localizam-se estrategicamente no território destinado às futuras nações indígenas

independentes. Nem se fala da multiplicidade da flora, sistematicamente surripiada e contrabandeada por missões assistenciais de todos os tipos, sob o financiamento de grandes laboratórios, para retornarem na forma de remédios patenteados lá fora.

Apesar de tudo isso, vamos receber auxílio para "proteger" a floresta, que, conforme Chirac, é do interesse brasileiro e, também, do planeta. É aqui que mora o perigo, especialmente se, para recebermos os 308 milhões de dólares, tivermos que nos comprometer a não examinar qualquer iniciativa industrial para a região. A estratégia internacional oscila entre a sofisticação e a truculência. O capítulo, agora, surge mascarado pela "ajuda" que os ricos destinarão ao Brasil. Enquanto isso, dorme nas gavetas da burocracia o interrompido projeto Calha Norte, como não saiu do papel a rodovia que nos ligaria aos portos do Oceano Pacífico. A anterior estrada Perimetral Norte, que ligaria Macapá a Rio Branco, ficou em menos de 50 quilômetros. A dragagem e a retificação de rios capazes de se transformar em caminhos líquidos do desenvolvimento têm sido interrompidas antes de começar — tudo em nome da preservação da Amazônia. A pergunta que se faz é "preservar para quem?" Melhor dizendo: "Proteger de quem?"

■ Carlos Chagas é jornalista

Fonte	AMBIENTAL
Data	8/6/2000
Class.	15
Pg	45
Documentação	CB